

## O VALOR-TRAGÉDIA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO TRATAMENTO JORNALÍSTICO DOS CASOS “ISABELLA NARDONI” E “PALACE II”

Anna Carolina Ulandovski Azevedo\*

Maura Oliveira Martins\*\*

### RESUMO

O presente artigo analisa discursos do jornalismo que atribuem a denominação *tragédia* a classes específicas de fatos. A investigação abrange as estratégias que estabelecem o sentido trágico em acontecimentos que não cumprem com o principal valor-notícia referente à tal designação – a ver, o número de mortes. Como corpus representativo para tal reflexão analítica, são apresentados casos identificados jornalisticamente como tragédias, que foram alvo de ampla cobertura midiática em diferentes épocas: o caso “Isabella Nardoni”, em 2008; e o caso “Palace II”, ocorrido em 1998.

**Palavras-chave:** Parâmetros de Noticiabilidade; Valores-Notícia; Discurso Jornalístico; Tragédia.

### ABSTRACT:

This article analyses the journalistic discourses which attribute the “tragic” concept to some specific kinds of facts. This investigation includes the strategies used by journalism to establish the “tragic” sense in some kind of events that won’t fit in the news value used to denominate the tragic news – the high number of deaths. To understand the strategies used by the journalistic speech, this paper analyses two media cases: the death of “Isabella Nardoni”, in 2008; and the “Palace II” case, occurred in 1998.

**Keywords:** news patterns; news values; journalistic speech; tragedy.

### Biografia

\*Estudante de Jornalismo das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil, ex-aluna de Licenciatura em Letras da UFPR. Em julho de 2008, defendeu o projeto “Dinamite - Uma tragédia em Curitiba”, como Trabalho de Conclusão de Curso. Email: [anna\\_jornal\\_azevedo@hotmail.com](mailto:anna_jornal_azevedo@hotmail.com)

\*\*Jornalista formada pela UFSC (2001), Mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS (2005). Professora-pesquisadora e coordenadora do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil. Email: [mauramartins@gmail.com](mailto:mauramartins@gmail.com)

## 1. UMA ABORDAGEM AO VALOR-NOTÍCIA TRAGÉDIA

A proposta desenvolvida neste artigo representa a continuidade de uma pesquisa realizada pelas autoras como reflexão teórica para o desenvolvimento de um projeto experimental. Tratava-se de um livro-reportagem que tinha como foco narrar um episódio potencialmente trágico, ocorrido na cidade de Curitiba, no ano de 1976: a explosão de um caminhão carregado de dinamite, cujas conseqüências não se restringiram às duas mortes causadas, mas – e principalmente - envolviam a destruição parcial ou total de casas, estabelecimentos comerciais e ruas do bairro atingido.

A pauta escolhida para o livro-reportagem despertava aos ouvintes (leitores comuns) uma questão recorrente sobre o fato: a pergunta “quantos morreram?” suscitou algumas pistas para uma das discussões aqui propostas – no caso, até que ponto o número de mortes pode, ou não, ser considerado fator primeiro para identificação de tragédias? A evidente decepção ao se revelar como resposta as duas mortes decorrentes da explosão – apontando, na instância da recepção, uma reação imediata de que os poucos óbitos diminuiriam o preenchimento de critérios que concernem a potencialidade trágica ao fato e, por conseqüência, à configuração no formato notícia – operou como índice legítimo da questão da transitoriedade dos parâmetros de noticiabilidade dentro do sistema jornalístico.

Por meio da reflexão teórica quando do relatório monográfico, foram constatadas alterações evidentes que constatarem mudanças na valoração do conceito de *tragédia* ao jornalismo. Ainda que Traquina aponte que os valores-notícia têm, de maneira genérica, variado pouco – verificando que “historicamente, é altamente suscetível à adequação ao formato notícia o fato “extraordinário, o insólito (‘o homem que morde o cão’), o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte” (2005, p. 63), - reconhece-se modificações nos parâmetros que foram utilizados para identificar quais fenômenos seriam passíveis de serem narrados no sistema jornalístico sob a categoria do trágico.

De tal modo, as questões que norteiam a presente pesquisa são apontadas: em que sentido se indica a transitoriedade valorativa dos parâmetros de noticiabilidade na categoria *tragédia* em um discurso jornalístico? Quais as estratégias utilizadas pelo jornalismo para evocar o sentido trágico em fatos que não respondem a parâmetros comumente usados pelos veículos?

A hipótese aqui assumida é que, em decorrência da evolução de práticas jornalísticas, fixou-se no jornalismo o critério ‘quantidade de mortes’ como primeiro

na identificação de um fato potencialmente trágico. Hohlfeldt reitera o fator numérico como valor constante para a noticiabilidade dos fatos, pois “um acidente com um só morto tem bem menor impacto do que se morrerem trinta num mesmo acidente” (2001, p. 209). Conforme coloca Traquina,

O que é que os seguintes acontecimentos, que conquistaram o consenso da comunidade jornalística nacional e, no terceiro caso, o consenso da comunidade jornalística mundial, têm em comum: a queda da ponte de Entre-os-Rios, o assassinato de seis empresários portugueses no Brasil, e o ataque ao World Trade Center de Nova York e ao Pentágono? A resposta é simples: a morte. Onde há morte, há jornalistas (...). Pedeltyouve faz um fotojornalista explicar o tipo de fotos que a hierarquia do jornal quer: “Assassinatos, bombardeamentos, funerais, e conferências de imprensa. Aquilo que combina com as melhores ‘estórias’”. Conta que a pergunta mais frequente do seu chefe é “Quantos Corpos?”. O jornalista explica: “Ela (o seu chefe) pergunta mesmo isso. Eu respondo: ‘São cinco’. Ela diz: ‘Não chega’ (*id.*, p. 79).

Tendo em vista que a conceituação de *tragédia* se dá baseada por meio de outros tipos de apelo que, comparados ao número de mortes, podem demonstrar relevância maior – o impacto social, a instantânea alteração de um cotidiano, as causas imprevisíveis e o desdobramento das conseqüências, por exemplo -, o jornalismo se apropria de outros recursos discursivos para apresentar como legitimamente noticiáveis os fatos que não cumprem o critério ‘quantidade de mortes’.

De maneira a incitar a hipótese, é apresentado o confronto entre o dito ‘critério quantitativo’ frente às tragédias que englobam outras características – portanto, qualitativas. E, assim, levanta-se a seguinte questão: se, diante da premissa quantitativa, poucos óbitos tendem a parecer – pelo menos *a priori* - fator irrelevante, quais as estratégias utilizadas no discurso jornalístico para enfatizar o sentido trágico quando não há tantas mortes?

Sob essas perspectivas, pretende-se aqui apresentar a evolução e as transformações semânticas e temporais do termo *tragédia* frente a definições em distintas épocas e, finalmente, diante das práticas jornalísticas, para justificar as mudanças de valoração para fatos trágicos. Além disso, é analisada a busca por personagens melodramáticos, como recurso típico do texto jornalístico para a fixação do sentido trágico em situações não-quantitativas – nesses casos, força-se que os personagens correspondam aos papéis típicos do melodrama (ainda que a categorização não seja suficiente ou adequada em tais eventos).

Para sustentar a reflexão, foram analisados dois casos consensualmente identificados pelo jornalismo como tragédias (os quais cumprem diferentes critérios

para tal): o caso “Isabella Nardoni”, em 2008, na cidade de São Paulo/SP, motivado pela morte de uma criança; e o caso “Palace II”, no Rio de Janeiro/RJ, em 1998, quando oito pessoas morreram e 130 famílias ficaram desabrigadas.

## 2. ATUALIZAÇÕES E PROCESSUALIDADES NA TRAGÉDIA JORNALÍSTICA

tragédia. [Do gr. tragoidía, pelo lat. tragoedia.] S. f. 1. Teatr. Na Grécia Antiga, obra teatral em verso que se originou do ditirambo, de caráter grandioso, dramático e funesto, em que intervêm personagens ilustres ou heróicas, e que é capaz de infundir terror e piedade. 2. Teatr. Peça de ordinário em verso, e que termina, em regra, por acontecimentos fatais. 3. Teatr. Gênero dramático a que pertencem tais peças: Na Grécia, onde teve origem, a tragédia atingiu a culminância com Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. [Sin., nessas acepç.: cena trágica.] 4. Fig. Acontecimento que desperta lástima ou horror, ocorrência funesta; sinistro. 5. Fig. Mau fado; desgraça, infortúnio (FERREIRA, 1999, p. 1982).

Calamidades inesperadas comovem e aterrorizam a sociedade ao converter dada situação habitual em uma desgraça plena. A esse tipo de infortúnio que impressiona os indivíduos – independente do número de pessoas atingidas ou das proporções provocadas – costuma-se dar o nome de *tragédia*. “A tragédia como a concebemos hoje é o acontecimento imprevisto e irreversível que transforma nossas vidas através do sofrimento. É um momento de espanto!” (CODATO *in* SANTOS, 2002, p. 73). Ainda que as significações do termo não tenham se mantido as mesmas no decurso dos séculos – em razão de evoluções semânticas e sociais -, os relatos sobre as distintas formas de tragédia se perpetuaram, estando presentes em sociedades de diversas épocas.

A etimologia da palavra *tragédia* denota aspectos, de certa forma, distantes das concepções contemporâneas. Se, hoje, tem-se por hábito atribuí-la a catástrofes que indicam padecimento e lástima, no seu surgimento, *tragédia* remetia, exclusivamente, a cultos mitológicos da Grécia Antiga. A palavra surgiu ainda na Antigüidade Grega, atrelada a significações míticas.

Juntamente ao termo, aportaram também as primeiras práticas discursivas (inicialmente verbais) que traziam em seus enredos narrativas de teor trágico. Com o desenvolvimento progressivo e gradual das manifestações literárias, a idéia de tragédia foi ampliada: não apenas se referia a cânticos ritualísticos, mas, agora – e principalmente – passou a se relacionar a situações em que se configurava o irromper do cotidiano por uma calamidade de grande abrangência social.

O jornalismo é uma dessas práticas da escrita que dão conta de narrar os eventos potencialmente trágicos dados em um contexto social. Para produções noticiosas acerca dos fatos trágicos, eles são analisados diante de um conjunto de critérios que aferem a noticiabilidade dessas situações. A noticiabilidade ajuda a estabelecer critérios de seleção que, combinados, apontam quais casos são significativos a ponto de serem veiculados. “Estabelece-se, assim, um conjunto de critérios de relevância, que definem a noticiabilidade de um fato, isto é, a possibilidade de ele virar notícia” (VIZEU in BENETTI e LAGO, 2007, p. 224).

Resultado da evolução de práticas literárias e concebido como um campo comunicacional – no qual se praticam rotinas discursivas (informativas, descritivas, opinativas, argumentativas ou narrativas) -, o jornalismo também aborda temáticas trágicas em suas produções variadas: “relatos de delitos, histórias fantásticas, catástrofes e desastres, que o povo da rua considera excitante, invadem os jornais. Uma mistura entre o sucesso e o trágico combina-se (...) e o acontecimento (...) desperta grande interesse popular” (HENN, 1996, p. 69).

E por que razão tragédias, por mais insólitas e cruéis que sejam, despertam curiosidade, a ponto de serem freqüentemente retratadas? Sontag (2003) disserta sobre o fascínio pelo tormento alheio e cita outros autores ao refletir a respeito da questão. “William Hazlitt (...) sobre a atração exercida pela vilania (...), indaga: ‘Por que sempre lemos, nos jornais, as notícias sobre incêndios pavorosos e assassinatos chocantes?’. Porque, responde ele, ‘o amor à maldade’, o amor à crueldade, é tão natural aos seres humanos como a solidariedade” (p. 82).

A inclinação pelo trágico, propagada pelos tempos, legítima, por exemplo, a razão das vendas quantitativas de tablóides ou de livros que se ocupam em narrar grandes catástrofes e lástimas alheias. “Se tem sangue, vira manchete, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos de chamadas rápidas na tevê – aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta” (*id.*, p. 20).

A tradição trágica é, basicamente, consolidada pelas impressões pessoais despertadas. Do expurgo dos sentimentos nos ritos gregos à curiosidade atual da grande massa pelos infortúnios apresentados nos jornais, a tragédia desperta, de fato, o interesse dos indivíduos: seja em que tempo, espaço ou circunstância tenha se dado.

### 3. A TRAGÉDIA E A MORTE: CLASSIFICAÇÃO X QUANTIDADE

Os produtores de fatos noticiosos, ao se depararem com situações

catastróficas e calamitosas, utilizam certos critérios de escolha para definirem os eventos que receberão ou não tratamento trágico.

A escolha se dá baseada em dados parâmetros: da freqüente ocorrência de acontecimentos com características referenciais trágicas à aceitação do assunto por um maior número de leitores – que, fatalmente, se interessam por desgraças.

A referência a algo negativo é outro valor-notícia (...). Os autores apresentam alguns fatores para explicar (...) a) as notícias negativas satisfazem melhor o critério de freqüência; b) as notícias negativas são mais facilmente consensuais e inequívocas no sentido de que haverá acordo acerca da interpretação do acontecimento como negativo; c) as notícias negativas são mais consoantes com, pelo menos, algumas pré-imagens dominantes do nosso tempo; e d) as notícias negativas são mais inesperadas do que as positivas, tanto no sentido de que os acontecimentos referidos são mais raros, como no sentido de que são menos previsíveis (TRAQUINA, 2005, p. 72 – 73).

Diante dessas perspectivas, a interpretação inicial do que será tragédia é efetivada pelo jornalista que, embasado em critérios específicos para essas situações, irá classificar os fatos potencialmente trágicos.

É constante a exposição de mortes e demais situações ditas trágicas nos produtos noticiosos da atualidade – uma vez que esses eventos despertam o interesse prévio do público. Graças à exploração das temáticas trágicas, o leitor se tornou alvo de um bombardeio diário desses tipos de relatos. Um episódio que há três décadas poderia soar como impactante e excessivo, hoje talvez não rendesse a mesma repercussão ou causasse impacto semelhante.

Muito disso se deve à relação estabelecida entre a classificação de um episódio trágico e o número de mortos. Os meios de comunicação passaram a explorar, cada vez mais, eventos em que as mortes fossem quantitativas. Dessa maneira, a quantidade de óbitos se tornou um dos critérios de noticiabilidade que indicam se dado episódio é ou não uma tragédia e se é ou não noticiável.

(...) a prática do *fait-divers* no jornalismo da seguinte maneira: o importante é expressar o fato pelos seus dados quantitativos. A cobertura de um acidente aéreo, por exemplo, torna-se mais envolvente quanto maior for a quantidade de mortos. Essa prática se assemelha aos eufemismos que tranquilizam a consciência humana ao constatar que, ao invés de dez milhões de judeus, morreu “apenas” a metade desse número nos campos de concentração. Seguindo essa lógica, torna-se secundária a qualidade estética estilística, o conteúdo das informações. A quantificação de resultados também se estende à capacidade de manter a atenção do público-receptor, não importando se os procedimentos técnicos e narrativos comprometem a ética e o humanismo (COSTA, 2002, p. 154).

Essa classificação, em verdade, típica à cobertura dos fatos diversos, é um equívoco, uma vez que a definição de tragédia não se resume à quantia de pessoas mortas, mas está relacionada, vitalmente, à transformação da situação habitual e comum em uma situação de calamidade – independente do número de pessoas atingidas.

As mensagens disponibilizadas e transmitidas pelos veículos midiáticos não são escolhidas indistintivamente. Elas resultam de percepção, observação e seleção de fatos que podem ser transformados (ou não) em produtos noticiosos. Como notícia entende-se o produto da função social desempenhada pelos jornalistas que, na qualidade de observadores, cumprem papel de enunciadores de fatos.

(...) notícia como uma representação social da realidade cotidiana, um bem público, produzido institucionalmente, que submetida às práticas jornalísticas possibilita o acesso das pessoas ao mundo dos fatos (dia-a-dia) ao qual não podem aceder de maneira imediata (VIZEU in BENETTI e LAGO, 2007, p. 223).

Para a escolha de qual fato receberá tratamento jornalístico, é necessário observar sua relevância em uma dada esfera social. É o que se chama de noticiabilidade do evento. A noticiabilidade permite discernir o que é notícia do que é apenas acontecimento. Além disso, ela ajuda a estabelecer critérios de seleção que, combinados, apontam quais casos são significativos a ponto de serem veiculados. “Estabelece-se, assim, um conjunto de critérios de relevância, que definem a noticiabilidade de um fato, isto é, a possibilidade de ele virar notícia” (*id*, 2007, p. 224).

Nos procedimentos produtivos, diferentes valores – de ordens pessoal, profissional, institucional e social - podem ou não influenciar a execução do trabalho e, por conseqüência, o resultado da produção da informação – a notícia finalizada. Esses referentes (chamados de ‘valores-notícia’) dizem respeito a todas as etapas de elaboração jornalística: desde a identificação de fatos noticiáveis até a composição do texto e, por fim, sua veiculação.

Os valores notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção, isto é, não estão presentes só na seleção de notícias, mas participam de todas as operações anteriores e posteriores à escolha (*ibid*, 2007, p. 225).

As especificações e valorações normativas têm pesos diferentes no processo de produção da notícia. Isso porque a notícia interliga três etapas: produção, circulação e consumo. Essas jornadas do ciclo noticioso possuem um conjunto de

valores-notícia, referentes aos procedimentos nelas realizados.

Assim sendo, a notícia finalizada representa um fato que respondeu a uma série de referenciais criteriosos, relacionados ao próprio fato, ao produto, ao meio de veiculação e ao público. “Notícia (...) resulta de um processo de construção onde interagem fatores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico” (SOUSA, 2002). São esses fatores – interagindo simultaneamente - que sustentam produções jornalísticas a respeito de determinados fatos, em detrimento de outros.

#### **4. O ‘CONTAR TRAGÉDIAS’ NO MUNDO CONTEMPORÂNEO – O SENTIDO DO TRÁGICO NOS FENÔMENOS COM BAIXO NÚMERO DE MORTES**

Os produtos noticiosos agrupam a cobertura de determinados fatos sociais sob uma mesma divisão (editoria). Diante da distribuição de acontecimentos de acordo com os assuntos, tragédia apresenta-se também como um ícone temático que pode classificar certos episódios. De maneira geral, as desgraças sociais de conseqüências amargas, insólitas e sangrentas são englobadas num mesmo parâmetro trágico. “A condição definidora do fato noticioso, portanto, é a exploração do inusitado. Partindo da seleção dos assuntos, pretende destacar ainda os aspectos mais espetaculares, sensacionais (...) – do mais chocante às informações complementares” (COSTA, 2002, p. 153). A partir disso, esses dados fatos passam a ser tratados jornalisticamente como grandes tragédias.

As produções jornalísticas, contudo, acabam por generalizar as classificações trágicas. Semanalmente, considerável número de matérias, sobre assuntos variados, é apresentado nos jornais com a denominação tragédia. A repetição prolongada da tragédia dissipa as reações de compaixão e corrobora a banalização e a normatização do conceito. Além disso, com a generalização, infortúnios de naturezas distintas recebem igualmente tal denominação: do assassinato do sub-síndico de um edifício<sup>1</sup> à queda do Boeing com 186 passageiros; dos acidentes consecutivos envolvendo caminhões em uma estrada federal às queimadas em cidades norte-americanas. Portanto, na (por vezes velada) editoria Tragédia, são colocadas sob a mesma categoria a explosão de um caminhão no centro de Curitiba, culminando em duas

1 Refere-se aqui ao caso do síndico de um edifício de classe média alta, morto após a discussão com um morador, em setembro de 2007, em Curitiba. Àquela ocasião, o fato foi noticiado pelos veículos locais como tragédia.



mortes; a queda do edifício Palace II, no Rio de Janeiro, que matou oito pessoas e deixou centenas de famílias desabrigadas – algumas, por muito tempo; e a morte da menina Isabella Nardoni, supostamente por seu pai e madrasta, em São Paulo.

Os incidentes da ‘editoria tragédia’ dos jornais se diferem quanto a local, circunstância, número de atingidos, grau de impacto social. Mas são tratados com o mesmo estigma trágico pois, de certa forma, assemelham-se em um aspecto: a transformação instantânea da normalidade em calamidade. Essas dadas situações que se afiguram quanto ao irrompimento do cotidiano pela desgraça ainda podem ser classificadas sob a categoria histórica dos *fait divers*: são os fatos que, geralmente, recebem tratamento trágico nos periódicos. “No *fait divers*, as proteções da vida normal são rompidas pelo acidente, catástrofe, crime, paixão, ciúmes, sadismo” (MORIN in ANGRIMANI, 1995, p. 26). Cabe ressaltar que a categoria dos *fait divers* identifica algumas estratégias utilizadas no tratamento das ‘tragédias’ com poucas mortes, pois “o *fait divers* (...) é uma narrativa total, auto-suficiente, pois o acontecimento, surgido ex nihilo, não precisa do mundo para ser ‘consumido” (ALENCAR, 2008, p.1).

Ou seja, nos fatos diversos – essa chamada “crônica do efêmero” (*id*) pelo qual o jornalismo, desde seus primórdios, sempre se interessou – as histórias são simplificadas, e colocadas em formatos narrativos e discursivos facilmente reconhecíveis. Tornam-se estáveis, portanto, ainda que à custa da perda do interesse público e da ligação de historicidade com o mundo, inerentes a todo produto jornalístico. Na abordagem feita por Angrimani (1995, p. 28), “por trás de sua aparente variedade, (*os fait divers mobilizam*) um número limitado de temas (...) de preferência sobre problemas maiores, reputados, permanentes, fundamentais e universais: a vida, a morte, a natureza humana e o destino”.

Pode-se inferir que, para buscar o sentido do trágico ao retratar o caso da morte singular da menina Isabella Nardoni, o recurso utilizado por boa parte dos veículos jornalísticos foi a remissão a elementos universais, recorrentes da literatura e facilmente reconhecíveis na instância da recepção, como o recurso dramático clássico da ‘madrasta perversa’<sup>2</sup>; assim como força um interesse público, para que a história de uma única menina passe a significar algo sobre todas as crianças, um sentimento de insegurança compartilhado socialmente – o que tornaria o caso, indiscutivelmente, em tema de evidente interesse jornalístico.

Assim, os fatos diversos – concernentes aos casos ‘trágicos’, ainda que com poucos óbitos – tendem a ser narrados pela estrutura dramática típica do

2 Arquétipo facilmente encontrável em contos de fadas, como Branca de Neve e Cinderella. A idéia da madrasta má ainda foi aproveitada por Shakespeare na peça *Péricles, Príncipe de Tiro*.

melodrama, de modo a estruturar as personagens presentes no fenômeno nos quatro papéis centrais do melodrama, conforme conceituação de Barbero (2001, p. 174): o *Traidor*, o personagem do terrível, que produz o sentimento básico do medo ao molestar a vítima; o *Justiceiro*, que representa o entusiasmo e garante um encerramento positivo à história; a *Vítima*, posicionada com a heroína da história, a encarnação da inocência e da virtude; e o *Bobo*, alheio à tríade dos personagens protagonistas, mas extravasa a tensão da história pelo cômico.

No caso da morte de Isabella Nardoni, os papéis são sistematizados de modo evidente: no papel do Traidor, encaixa-se a madrasta<sup>3</sup>, típica da literatura; a Vítima incontestável é corroborada pelo fato de tratar-se de uma criança, consensualmente indefesa; o papel de Justiceiro é assumido pelos próprios veículos de comunicação, que prontamente tomam para si a responsabilidade de garantir punição e a explicitação da verdade, através das vias midiáticas; já o papel do Bobo é impossibilitado por tratar-se de um tema universal – a morte violenta de uma criança – com hábitos consolidados de representação. Não é possível abordar o fenômeno pelo viés cômico, mas apenas pelo enfoque dramático; na perspectiva semiótica, “quanto mais estranho, singular e admirável for o fenômeno, mais exigirá que elaborem novos signos para representá-los” (SILVEIRA, 2003, p. 4).

Nota-se presente no caso, ainda, a identificação da mãe da criança como figura heróica. Ela (mãe) cumpre com o papel melodramático ao ser canonizada como uma mulher de ‘tamanho coragem e serenidade’, que enfrenta – heroicamente – todos os poréns resultantes da tragédia (a morte da filha, a atribuição do crime ao pai da criança, a exposição do caso na mídia).

Em reportagem da revista *Época* (nº. 522, 19 de maio de 2008, p. 94), Ana Carolina, a mãe, é cultuada nesse arquétipo heróico; o texto estabelece uma suposta intimidade entre ela, enquanto personagem, e o público leitor – nesse caso, a figura da heroína pode ser facilmente assimilada, tornando-se passível de comoção pública e admiração. É o que pode ser ilustrado com título e gravata da reportagem da revista citada: “A coragem de Carol – Como vive a mãe da menina Isabella, Ana Carolina de Oliveira, cuja serenidade diante da tragédia tornou-se um exemplo para todo o país”. O sentido da reportagem é reiterado por outra matéria presente na edição da revista, legitimando uma conflitante relação do papel da madrasta como

3 Pode-se ainda inferir que o pai se encaixa no papel do Traidor, polarizando com a figura da mãe, a quem culturalmente credita-se um vínculo mais ‘intenso’ com o filho; causaria ainda mais estranheza, por exemplo, caso a mãe fosse colocada como responsável pelo assassinato. Porém, o papel de Traidor do pai é reiterado pela associação com a madrasta que, conforme colocado, é correntemente agregada ao papel de vilã.

elemento de um novo modelo de família. Diz a chamada de capa: “O lado obscuro da “Nova Família” - aquela em que se misturam pais, mães, padrastos, madrastas e filhos de mais de um casamento”.

Tal recurso melodramático, culturalmente homologado, torna-se exposto quando, de modo inesperado, a estratégia discursiva é evidenciada pelo estranhamento. É o que ocorre no programa *Mais Você*, da Rede Globo, na edição veiculada em 15 de julho de 2008. À ocasião, exibia-se uma série de reportagens especiais sobre o caso Palace II – quando, em fevereiro de 1998, um prédio desabou no Rio de Janeiro, matando oito pessoas, em razão da má execução na sua obra de construção. A reportagem do dia 15 de julho mostrava a vida de algumas famílias que foram alocadas por Sergio Naya – empresário responsável pela construção do prédio – em um hotel da cidade. Passados 10 anos, as famílias ainda permanecem residindo no hotel designado.

A reportagem mostrava as sonoras dos moradores expondo extrema insatisfação quanto à vida no hotel – de tal forma, conspirando para a construção do sentido preferencial da administração do hotel como o *Traidor*, cuja “função dramática é encurralar e maltratar a vítima” (BARBERO, 2001, p. 176), ou seja, os moradores prejudicados pela queda do edifício Palace II. À fala das vítimas, intercalava-se a fala do gerente do hotel, trazendo novos signos, de forma a causar perturbação no primeiro sentido construído: informava que o hotel havia recebido apenas 20% dos gastos produzidos pelos novos moradores. Em determinado instante, o gerente afirma: *essas pessoas quando falam se colocam no papel de vítimas, porque para elas é mais interessante se colocar no papel de vítimas, e isso acaba nos prejudicando*. A fala é mantida na edição final.

É possível assentir que, para o jornalismo, parece mais legítimo construir um discurso que privilegie as vítimas – pois o público é estatisticamente formado por mais desfavorecidos, propensos a se identificar com os prejudicados, que com os algozes. Evidencia-se o fato de que uma das estratégias típicas do discurso jornalístico, na busca da construção do sentido do trágico, é identificar papéis polarizados entre *Traidores* e *Vítimas* – ainda que nem sempre os personagens presentes na pauta pertençam a esses papéis – de modo a sistematizar uma narrativa maniqueísta, facilmente decodificada pelos receptores.

Na reportagem veiculada no programa *Mais Você*, alguns signos impróprios a essa construção são acrescentados à narrativa, causando estranhamento – visto que impossibilitam a definição de um discurso monossêmico, com um reconhecível sentido preferencial. Ao encerramento da reportagem, tal estranhamento é reiterado pela apresentadora Ana Maria Braga que – em evidente desconforto, destacando

tratar-se de sua *opinião pessoal* (desvinculada, portanto, de qualquer imparcialidade prevista pelo método jornalístico) – faz uma crítica velada aos moradores, colocados voluntariamente no papel de vítimas. Em sua fala, ressalta: *em 10 anos sem pagar aluguel, luz e IPTU, acho que essas pessoas poderiam já ter dado um jeito, seguido suas vidas.*

A fala da apresentadora, portanto, fortalece a sensação da quebra da narrativa típica da tragédia jornalística. Tal ruptura ocorre quando novos signos entram em questão: ou seja, quando o gerente do hotel revela prováveis intenções dos moradores, qual seja, a busca pelo pertencimento à categoria plana das vítimas. Ambas as falas – do gerente e da apresentadora – trazem complexidade ao texto midiático e rompem com o característico discurso jornalístico frente a fatos trágicos, ainda que não cumpram o parâmetro primeiro para a designação da tragédia jornalística: ou seja, um elevado número de mortes.

## CONCLUSÕES

A definição de tragédia mostra que os fatos trágicos não se referem àqueles em que se dão um número elevado de mortes, mas, sim, àqueles que, de alguma forma, intervêm em um dito cotidiano através de um acontecimento calamitoso. O jornalismo generaliza uma classificação do que é tragédia, estendendo a ‘qualidade trágica’ a eventos de naturezas e origens distintas.

Ao considerar os critérios utilizados para apreender a potencialidade de um fato ser configurado sob a forma discursiva de *notícia*, constata-se um privilégio, atualmente, pelas situações que envolvem um maior número de mortes. A explicação para tal fenômeno talvez esteja em duas vertentes: a) a amortização do público, conforme apontada por Sontag (2003), o que levaria à divulgação das situações com mortes quantitativas, pois fatos com poucos óbitos não mais impressionariam o público-leitor; b) uma vez que o público não se interessa por poucas mortes, a conseqüente busca por uma vendagem maior de jornais justificaria a utilização de estratégias discursivas para amplificar o impacto do produto noticioso, bem como legitimar sua inserção no sistema jornalístico.

No caso da exposição de muitas mortes em um só acidente/desastre/calamidade, o espectador acaba por deduzir que essas mortes sejam, de fato, um critério primeiro para a denominação de tragédia – portanto, fator legitimado no jornalismo. Tragédias são sempre notícia; porém nem todo dia acontecem fatos com muitas mortes. Assim, passam a ser utilizados outros tipos de apelo que também podem caracterizar uma tragédia (apelos esses que surgem como designações históricas): cenário de destruição, impacto social, sentimentos despertados, detalhes sensacionais ou únicos.

Números altos são fatores irrecusáveis para a noticiabilidade de um evento, embora esse não seja um fator absoluto, visto que há outros valores-notícia interpenetrados entre os fatos – pois é possível argumentar que a morte de cem pessoas na Índia terá, no Brasil, menos noticiabilidade que a morte da menina Isabella Nardoni. Além disso, quando o número de mortes é menor, existe a preocupação em vasculhar outros aspectos dos fatos que não são tão óbvios quanto o número de mortes. E isso talvez ocorra para que esse espectador passe a ter a noção de que um evento com poucos óbitos também é uma tragédia.

Assim, quando em uma situação de tragédia não há o dito grande número de mortes, o jornalismo constrói narrativas trágicas com um outro tipo de apelo – o apelo sentimental ou sensacional; o apelo em que se dá voz maior às vítimas; o apelo que gera uma comoção ou uma espécie de sensibilização coletiva (e aqui vale um

paralelo com os sentimentos que a tragédia – desde sempre – desperta). Para atingir tais efeitos, são utilizadas estratégias de sentido de modo a garantir o preenchimento de certos papéis narrativos, típicos do melodrama.

O caso do edifício Palace II configura um evento em que as mortes não foram tantas se comparadas à destruição ou ao grau de alcance e desdobramentos provocados. O fato foi amplamente explorado pelo jornalismo – ainda que não houvesse o grande número de mortes – por meio do privilégio de aspectos apelativos, que buscam preencher a lacuna do viés *quantitativo*. Portanto, valorações/critérios existem em casos em que as mortes não falam por si (como nos episódios de grandes perdas humanas). Nessas situações, a cobertura trágica deixa de se restringir ao apelo numérico e passa a abranger outras solicitações que apontam o sentido trágico do fenômeno, conferindo uma ‘explicação’ do porquê de um episódio, mesmo com poucas mortes, também representar uma tragédia.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ana Maria. **O que é o fait divers? Considerações a partir de Roland Barthes.** Ciência da Literatura. Disponível em <<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/>>. Acesso em 15 de julho de 2008.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa.** São Paulo: Summus, 1995.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

BENETTI, Marcia; LAGO, Claudia (org). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. **Estética da violência: jornalismo e produção dos sentidos.** Editora UNIMEP: Editora Autores Associados, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HENN, Ronaldo. **Pauta e notícia: uma abordagem semiótica.** Canoas: Ulbra, 1996.

HOHLFELDT, Antonio. **Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação.** (in) HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MELO, Katia. **A coragem de Carol.** Revista Época, edição n° 522, 19/05/2008.

SANTOS, Volnei Edson dos. **O Trágico e seus rastros.** Londrina: Editora UEL, 2002.

SILVEIRA, L. **Observe-se o fenômeno: forma e realidade na semiótica de Peirce.** Texto apresentado no 1º. Encontro Internacional de Semiótica. Araraquara: 2003.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras,

2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Editora Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.